



Revista Pistis & Praxis: Teologia e

Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Gilz, Claudino

AS PRERROGATIVAS DO ENSINO RELIGIOSO COMO DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA E NO CURSO DE PEDAGOGIA

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 4, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 589-
608

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749236012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



As prerrogativas do Ensino Religioso como disciplina na educação básica e no curso de Pedagogia

Religious Education prerogatives as subjects of elementary and secondary education and Pedagogy academic course

Claudino Gilz

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); professor na Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, CEP – Centro de Estudos e Pesquisa Bom Jesus, FAE Centro Universitário do Paraná, Curitiba, PR-Brasil, e-mail: frclaudino@bomjesus.br

Resumo

A presente pesquisa tem como principal objetivo investigar as prerrogativas do Ensino Religioso como disciplina nas etapas da educação básica e no curso de Pedagogia, a serviço da formação do cidadão brasileiro e do profissional docente dessa disciplina. Fundamenta-se no tratamento que o Ensino Religioso como ciência do fenômeno religioso necessita considerar para a elaboração de Planos Curriculares em âmbito da educação básica nos diferentes processos de ensino e aprendizagem em sala de aula (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e no curso de Pedagogia, uma das licenciaturas na atualidade capaz de contemplar a formação do profissional docente dessa disciplina. Apresenta análise de dados de uma pesquisa de campo desenvolvida entre os anos de 2007 e 2011 com 46 alunos aprovados no vestibular do

curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário do Paraná, anterior ao processo de elaboração do Plano de Ensino da disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso” e de frequência desses mesmos alunos à referida disciplina. Identifica, por meio da análise empreendida, uma pressuposição dos entrevistados da religião e do fenômeno religioso como caminho, crença, propulsora de boas ações humanas, devotamento pessoal, assunto inexplicável e incomensurável. Sinaliza, enquanto expectativa de estudo, uma proposta curricular capaz de atribuir tanto a mesma importância para a formação humana e profissional dos envolvidos como o discernimento da especificidade e a incumbência do Ensino Religioso em relação às demais disciplinas.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Metodologia. Formação docente.

Abstract

This research aims to investigate the prerogatives of Religious Education as a subject in basic education and in University Degree in Pedagogy, to help develop citizenship values of the Brazilian people and the development of the Teacher of Religion Studies. It is based on the treatment that Religious education needs to basic education consider syllabus planning in the several processes of teaching and learning in the classroom (kindergarten, elementary, middle and secondary school) and at University Degree in Pedagogy, one of the programs of present days that can help develop university students to become a Religion Studies teacher. It presents the data analysis of a research developed between 2007 and 2011, with 46 students that passed at the Pedagogy Degree entrance exam of FAE Centro Universitário do Paraná, prior to the syllabuys preparation for the subject “Foundations and Methodology of Religion Studies (Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso)” and the frequency of those students to that class. It identifies, by means of the analysis made, a presumption of students’ knowledge on religion and on the religious phenomenon as a path, a belief, a reason for good attitude, personal devotion, and an incommensurable and unaccountable issue. It points out, as an academic study, a curricular proposal capable to attribute the same importance to development, both human and professional, of those involved as the discernment of specificity and the objective of Religious Education if compared to the other subjects.

Keywords: Religious Education. Methodology. Teacher training.

Introdução

Na atualidade, a mídia prefere dar mais espaço e explorar de modo sensacionalista o profano, justificando que as virtudes de cunho religioso não vendem ou não dão ibope. Até que ponto um meio de comunicação alcança seus objetivos mais nobres apenas dando espaço ao que supostamente vende e dá ibope?

Acercar-se do sentido e da sacralidade da vida é um dos anseios mais eloquentes do ser humano. O Ensino Religioso identifica nesse anseio humano o seu referencial maior para a proposição da aprendizagem dos temas na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior.

A aprendizagem de qualquer tema relacionado ao fenômeno religioso pressupõe humildade para retomar aspectos já conhecidos e alegria para acolher a descoberta de aspectos desse mesmo tema ainda não devidamente considerados. Porque o Ensino Religioso é entendido como uma disciplina escolar e universitária destituída de proselitismos. E também é uma proposta pedagógica que se esmera em educar para o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil. O estudo dos temas propostos pela disciplina de Ensino Religioso é, nesse sentido, uma oportunidade de vislumbrar a vida a partir do patamar que lhe é próprio: o sagrado divisado em meio aos momentos históricos e às questões existenciais dos seres humanos de cada cultura.

Aprender é a arte de dialogar, sem necessariamente abrir mão das próprias convicções, com os mestres que protagonizaram uma leitura religiosa da vida e da destinação humana nesse mundo: Buda, Confúcio, Abraão, Moisés, Jesus Cristo, Maomé, Francisco de Assis, Guru Nanak, Ramakrishna Paramahamsa, Martinho Lutero, Bahá'u'lláh, John Wesley, Mãe Menininha do Gantois e outros. Tais mestres foram e continuam sendo uma inspiração viva à humanidade de hoje que não mais suporta viver na mediocridade ou reduzida ao míope modo profano de ser. Foram e continuam sendo arquétipos que remetem para o caminho da transformação, da dignidade e da divinização do ser humano. Sonharam em desinstalar a humanidade para um modo de ser amparado por convicções, crenças, ritos e simbologias capazes de iluminar plenamente o ser humano. São, por esses e tantos motivos, atuais e fascinantes.

A crise atual tem razões históricas. Uma dessas razões é a relativização dos princípios religiosos. A pessoa que segue uma crença de modo intenso não passa despercebida. Ela tem sempre algo a oferecer em termos de encanto pela vida, de virtudes e de identidade. Mostra-se imune aos modismos e até mesmo à tendência de relativizar qualquer intento de se levar a bom termo a confissão religiosa na qual alguém foi iniciado.

O ser humano não nasce religioso, mas constituído de uma dimensão religiosa. Eis porque o Ensino Religioso procura oportunizar, em sala de aula, a redescoberta da importância de cada tradição religiosa e a contribuição que cada uma tem dado para ajudar o ser humano a mostrarse atento às manifestações do Transcendente no cotidiano de sua vida. Se por um lado comprehende-se as religiões como instituições normativas da conduta humana, por outro, estas religiões apresentam-se como caminhos a ligar céu e terra, o Transcendente e o ser humano errante. Sem essa percepção, o Ensino Religioso se caracteriza como disciplina escolar a serviço da formação do cidadão brasileiro e como espaço de estudo do legado de cada tradição religiosa.

As aulas de Ensino Religioso não podem reduzir-se a palestras docentes sobre cada tema de estudo, mas, sim, em uma instância de discussão, de troca e de encantamento tanto do professor como do aluno pela pesquisa e a aprendizagem. Uma instância de encantamento em que tanto professor como aluno procuram estar imbuídos com aquela sensibilidade própria de um artista. Artista é aquele que a cada passo de sua existência, a cada novo desdobramento da obra procura não perder ou esquecer a inspiração que o move por dentro e que o leva a ousar em tornar da melhor forma visível. Sem inspiração religiosa, o estudo e qualquer outro propósito humano perdem o sentido e sua razão de ser.

Consta que, desde as primeiras civilizações humanas, a educação foi sinônimo de um paulatino processo de sistematização e de aprendizagem sobre os mais diversos aspectos da vida cotidiana. Com o passar do tempo, o que antes era ensinado de mestre para discípulo veio a ser oportunizado em diferentes campos do saber, ou seja, em disciplinas acadêmicas com conteúdos e objetivos específicos de aprendizagem. Entretanto, até o fim do século XIX, disciplina no contexto escolar não significava mais do que questionáveis estratégias de vigilância e de repressão de

condutas contrárias às regras estabelecidas durante as atividades acadêmicas (FOUCAULT, 2001). Já há mais de 14 anos, a disciplina de Ensino Religioso, com a publicação da Lei n. 9.475 em 22 de Julho de 1997, vem se pautando por um novo ideário educacional, seja em âmbito escolar e universitário, não mais visando ao proselitismo e nem ao doutrinamento de uma única religião. Mas contribuir com a formação do cidadão brasileiro, oportunizando a ele processos de aprendizagem sobre o fenômeno religioso, ou seja, sobre o legado das diferentes tradições religiosas presentes no mundo.

Embora o Ensino Religioso tenha se tornado – desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 de 20 dezembro de 1996 (LDB/96) – o ponto de convergência de investigações tais como formação docente, didática, ética, diversidade cultural, pluralismo cultural religioso, aqui não se pretende discorrer diretamente a respeito desses aspectos e, sim, sobre o Ensino Religioso como disciplina escolar e universitária a serviço da formação do cidadão brasileiro e do profissional docente dessa disciplina que atua em sala de aula.

As prerrogativas do Ensino Religioso como disciplina na educação básica e no curso de Pedagogia

A pesquisa sobre o Ensino Religioso como disciplina na educação básica e no curso de Pedagogia se instaura e se delimita dentro de um período histórico relativamente curto: as últimas duas décadas. Um período histórico que se desenvolveu permeado de pesquisas, protagonismos docentes, propostas pedagógicas, inquietações e prescrições legislativas.

Até praticamente meados da década de 1990 do século XX, o Ensino Religioso era ministrado em sala de aula, ora confessional (doutrinal/catequético), ora ecumênico ou interconfessional. Com a promulgação da Lei n. 9.475 em 22 de julho de 1997, a qual conferiu uma nova redação ao art. 33 da LDB/96, o Ensino Religioso recebe um perfil escolar e a incumbência de ser ministrado em sala de aula de forma inter-religiosa, ou seja, a partir da diversidade cultural religiosa do Brasil.

Menos de um ano após a promulgação da Lei n. 9.475, o Conselho Nacional de Educação (CNE) instituía as Diretrizes Curriculares Nacionais

para o ensino fundamental (BRASIL, 1998). O Ensino Religioso recebia por meio dessas Diretrizes a denominação de área de conhecimento, ou seja, de ciência do fenômeno religioso. Tal como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira e Educação Artística, ao Ensino Religioso recaiu o postulado de estabelecer uma refinada sintonia com os propósitos da educação no âmbito do ensino fundamental, a saber: a vida cidadã articulada pelos aspectos da saúde, da sexualidade, da vida familiar e social, do meio ambiente, do trabalho, da ciência e a tecnologia, da cultura e das linguagens.

Pela Resolução 02/98, o Ensino Religioso é uma ciência a qual é dado apurar e articular, seja em âmbito escolar ou universitário, um processo de aprendizagem baseado em conhecimentos do fenômeno religioso por meio de métodos, teorias e linguagens próprias. Conhecimentos do fenômeno religioso oriundos de uma impostação específica de apurar e disponibilizar conhecimentos por meio de métodos de estudo e análise, cuidadosamente elaborados.

O termo *ciência* denota um conjunto de concepções e atividades humanas. Decorre da palavra latina *scientia*, significando conhecimento ou saber que se adquire pela pesquisa, leitura, meditação ou pelo processo de instrução. Denota também erudição e sabedoria. O Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999) faz menção ao termo ciência como um conjunto de conhecimentos adquiridos a respeito de um determinado fenômeno por meio de métodos, teorias e linguagens próprias. O referido Dicionário faz também menção a expressões e formulações, tais como: ciência aplicada, ciência básica, ciência da computação, ciência pura, ciência da natureza, ciência infusa, ciências contábeis, ciências experimentais, ciências da vida, ciências formais etc. Significados etimológicos e conceituais que dizem respeito ao Ensino Religioso como ciência do fenômeno religioso e que, por sua vez, encontram-se interligados a um processo histórico que veio se desenvolvendo. Em que sentido?

O conhecimento científico, não com a acepção que lhe é imputada atualmente, foi pouco a pouco se constituindo por meio de estudos sistemáticos, munidos de métodos específicos e previamente elaborados. Visavam à comprovação de fenômenos e teorias. Kuhn (1998, p. 30) faz menção a isso ao dizer:

a Física de Aristóteles, o Almagesto de Ptolomeu, os Principia e a Óptica de Newton, a Eletricidade de Franklin, a Química de Lavoisier e a Geologia de Lyell [...] serviram para definir os problemas e métodos legítimos de um campo de pesquisa.

Os indícios históricos do conhecimento científico – enquanto uso específico de instrumentos para predição dos fenômenos – começaram a se manifestar a partir dos séculos XV, XVI e inícios do século XVII (DUTRA, 1998; MORAIS, 1997). Muito embora a pergunta pelo conceito *ciência* disponha também para um emaranhado de constatações que estão no imaginário popular, tais como: conhecimento comprovado, confiável, aceito, portador de precedência e de autoridade em relação a outros tipos de conhecimentos. E por que a ciência goza de tal precedência, credibilidade e autoridade? Estaria essa concepção de ciência restrita apenas ao imaginário popular?

A alta estima pela ciência não está restrita à vida cotidiana e à mídia popular. É evidente no mundo escolar e acadêmico e em todas as partes da indústria do conhecimento. Muitas áreas de estudo são descritas como ciências por seus defensores, presumivelmente num esforço para demonstrar que os métodos usados são tão firmemente embasados [...]. Autointitulados “cientistas” nesses campos podem frequentemente ver a si mesmos seguindo o método empírico [...], o que para eles consiste na coleta de dados por meio de cuidadosa observação e experimentos e da subsequente derivação de leis e teorias a partir desses dados por algum tipo de procedimento lógico (CHALMERS, 1999, p. 18).

A própria pergunta pela ciência já é em si um panegírico a ela, porém, insustentável. Por quê? Porque uma pergunta desse teor presume que haja *a ciência* e sirva essa como parâmetro de apuração dos saberes próprios de todas as áreas de conhecimento. Especificamente, não há uma categoria geral ‘a ciência’, e nenhum conceito de verdade à altura da tarefa de caracterizar a ciência como uma busca da verdade (CHALMERS, 1999, p. 212).

A identificação das implicações do rigor científico nos processos de ensino e aprendizagem dos temas de estudo nas aulas de Ensino Religioso depara-se primeiramente com um relevante postulado: a consideração do modo de pensar e conhecer dos primeiros pensadores,

no dizer de Leão (1991, p. 10): “para os primeiros pensadores, pensar é acordar o não pensado [...]. É o que fizeram recuperando a tragédia da poesia e mitologia vigente na consciência de sua época, da religião, da política, da educação”. A ciência é, assim, uma dessas expressões do pensar humano que, sem uma averiguação dos fatos ligados a ele, pouco se comprehende.

Dutra (1998, p. 9) faz menção a vários e importantíssimos aspectos sobre a ciência na atualidade: a). “A ciência ocupa, sem dúvida, um lugar privilegiado na vida e na cultura de hoje”; b) “goza de um prestígio invejável não apenas junto ao homem comum, mas também entre os intelectuais”; c) “é, por assim dizer, um sucesso dentro e fora dos muros da universidade”.

Um dos condicionantes do conhecimento científico é o que se denomina de superação do senso comum. Senso comum, segundo Morais (1997, p. 25) diz respeito a um conhecimento que se apresenta “sem nenhum planejamento”, de forma “a-metódica e assistemática” e dado ao uso arbitrário.

Santos (1989, p. 40-41) estabelece, por sua vez, uma distinção entre ciência e senso comum. De que maneira? Entende ciência enquanto um saber “contra” o senso comum, ou seja, o conhecimento evidente, vulgar, espontâneo e imediato. Descreve a ciência basicamente composta de três atos epistemológicos, a saber: a ruptura, a construção e a constatação. Defende então o autor que, enquanto caminho de superação da tendência dogmatizadora dos enunciados científicos, o uso de uma linguagem a mais familiar possível. Pois, para ele, a ciência é antes de tudo uma prática social de conhecimento e, sob esse aspecto, é uma dentre as várias práticas de construção do saber. Não necessariamente a melhor.

À ideia de que o conhecimento científico repousa sobre fundamentos inalienáveis ou sobre os princípios de respeito à alteridade soma-se um conjunto de lacunas e equívocos. “Nenhum moderno filósofo da ciência estaria pelo menos alheio a algumas de suas deficiências” (CHALMERS, 1999, p. 18-19).

Piaget (1975, p. 1-2), ao discutir a questão da epistemologia genética, demonstrou estar imbuído de uma considerável percepção sobre a estruturação do conhecimento no processo de desenvolvimento humano:

O conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado nem nas estruturas internas do sujeito, porquanto estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características preexistentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças à mediação necessária dessas estruturas, e que estas, ao enquadrá-las, enriquecem-nas. [...] O caráter próprio da epistemologia genética é [...] procurar distinguir as raízes das diversas variedades de conhecimento a partir de suas formas mais elementares, e acompanhar seu desenvolvimento nos níveis ulteriores até, inclusive, o pensamento científico.

Sobre a epistemologia do conhecimento, aspectos relevantes são apurados por Karl Raimund Popper. Uma espécie de autoapresentação do próprio Popper (1982, p. 32) aqui se faz preponderante: “procurarei demonstrar que nem a observação nem a razão podem ser descritas como fontes do conhecimento, no sentido em que até hoje têm sido definidas”. Ao defender a existência de várias fontes do conhecimento, mesmo que nenhuma delas possa estar investida a princípio de autoridade, o autor explicita seus argumentos em dez teses, a saber:

- 1) as fontes de qualquer conhecimento são dignas de consideração desde que suscetíveis de exame crítico;
- 2) não tanto as fontes do conhecimento, mas a possibilidade de ele vir a ser submetido a testes é que importa à epistemologia;
- 3) os argumentos são relevantes à medida que, ao serem examinados, demonstrem coerência interna e plausibilidade;
- 4) sob o ponto de vista da quantidade e da qualidade, maior consideração para com a fonte do conhecimento mais consistente que se dispõe;
- 5) a tradição como elemento imprescindível a qualquer porcentagem de credibilidade conferida ao conhecimento;
- 6) tal como o conhecimento não nasce da observação e nem parte do nada (*tabula rasa*), o seu progresso se dá a partir da modificação das teorias precedentes;
- 7) Não havendo um critério da verdade em si à disposição do ser humano, a falsidade de um conhecimento é identificada pelos elementos da obscuridade, da inconsistência e da incoerência;

-
- 8) a função da observação e do raciocínio, da intuição intelectual e da imaginação consiste em viabilizar o exame crítico das conjecturas ousadas com as quais se pode explorar o desconhecido;
 - 9) a busca pela precisão quanto ao significado e à definição das palavras só faz sentido caso esteja na mesma proporção de exigência do problema epistemológico enfrentado;
 - 10) importa estar ciente de que, diante de um problema epistemológico, qualquer solução alcançada irá gerar novos problemas.

Outro condicionante atrelado ao conhecimento científico é o conceito de paradigma. Em 1962, Thomas Samuel Kuhn apresentava de forma extensa à comunidade científica o enfoque polissêmico a respeito da questão do paradigma. Contestado por uns, não compreendido por outros, passou a pesar sobre Kuhn a acusação de que havia transformado a ciência em um mero empreendimento subjetivo e irracional. No entanto, ele próprio havia explicitado: “considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1998, p. 13).

Após discorrer sobre algumas de suas percepções sobre o termo e, principalmente, ao asseverar que menosprezar um paradigma significa abandonar a ciência de que ele procede, Kuhn (1998, p. 43-90), define-o como: “um modelo ou padrão aceitos”; “raramente suscetível de reprodução”; “um objeto a ser melhor articulado e precisado em condições novas ou mais rigorosas”; orienta “as pesquisas, seja modelando-as diretamente, seja através de regras abstratas”; “indicador de anomalias”. De que maneira entender as implicações do Ensino Religioso enquanto ciência do fenômeno religioso em âmbito escolar e universitário?

Segundo Passos (2006, p. 23), o estudo científico das religiões, ao dispor de autonomia teórica e metodológica própria, equipara-se a “qualquer outro inscrito na esfera das ciências que são ensinadas nas escolas”. A condição mais primordial consistiria primeiramente em dispor de elementos, tais como: clareza e especificidade quanto objeto de estudo; idoneidade metodológica capaz de apurar teorias cuja consistência e coerência lhe possibilitem ser identificada como ciência.

Ao discutir o Ensino Religioso na cercanía do problema “mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas”, Passos (2006, p. 25), assinala: “aquilo que é ensinado nas escolas deve estar substancialmente embasado numa tradição científica; numa referência explicativa e valorativa que vá além do senso comum e de interesses individuais e de grupos”. Em outras palavras, sem negar as diferentes percepções de mundo e das tradições religiosa que o aluno possa trazer consigo, faz-se necessário oportunizar um processo de aprendizagem capaz de levar o aluno a articular os saberes do seu contexto cotidiano aos saberes embasados pela ciência do fenômeno religioso.

O Ensino Religioso como ciência em âmbito escolar e universitário sinaliza, nesse sentido, para um modo diferente de se apresentarem os dados e de se promover a aprendizagem referente aos temas de estudo que dizem respeito a tal disciplina. Modo esse pautado pela pesquisa, pelo uso de critérios e dignos de credibilidade para a sistematização dos aspectos mais relevantes de um tema de estudo a serem discutidos e analisados em sala de aula pelo professor e pelos alunos. Não com a intencionalidade de supervalorizar o Ensino Religioso em si, mas oportunizar uma aprendizagem embasada, gradativa e contextualizada sobre qualquer assunto que diz respeito à diversidade cultural religiosa, patrimônio cognitivo da humanidade.

A sondagem preliminar e a elaboração da proposta pedagógica e metodológica de Ensino Religioso no curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário

A felicidade é um dos sonhos mais almejados pelo ser humano ao longo de toda a sua existência. As tradições religiosas se apresentam como caminhos exitosos não só para a busca da felicidade, mas também para o alcance da iluminação, da inspiração divina e da salvação humana. No entanto, até que ponto a felicidade pode ser compreendida como sinônimo de ter, ao menos por uns instantes, vivido bem?

Viver bem é, antes de tudo, um aprendizado. Não são poucas as ilusões humanas que acabam desviando o ser humano das possibilidades de conquistar a felicidade de forma real e plena. As tradições religiosas são,

com seus preceitos e ensinamentos, uma feliz possibilidade de ajudar seus seguidores a aprender a viver bem e feliz.

Tanto viver bem como felicidade resultam não de desejos humanos plenamente saciados. Resultam, antes, de um caminho percorrido por aqueles que se deixam mover por sonhos, objetivos e, principalmente, por uma inspiração religiosa. Enquanto os desejos podem induzir à busca de metas ilusórias, a obediência a uma inspiração religiosa oportuniza viver bem e, consequentemente, sentir-se feliz a cada instante.

A construção de uma proposta pedagógica e metodológica de uma disciplina que compõem um curso de ensino em âmbito universitário pode se dar de diversas maneiras e a partir de diferentes critérios. A inclusão do Ensino Religioso na composição da grade curricular do curso de Pedagogia na FAE Centro Universitário se deu com o objetivo de oportunizar uma proposta de formação docente diferenciada e capaz de abranger os fundamentos e as metodologias das diversas áreas de conhecimento. Uma pergunta estava a conduzir tal intento curricular: de que modo contemplar as expectativas e pressupor as lacunas em termos de conhecimentos dos futuros alunos do curso de Pedagogia sobre o tratamento científico, pedagógico e metodológico da diversidade religiosa?

Antes da elaboração de um Plano de Ensino propriamente dito, optou-se há quatro anos, então, por uma sondagem junto a possíveis futuros alunos do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário, buscando colher os seguintes dados: concepção de religião e do fenômeno religioso; parecer pessoal sobre as mais diversas disciplinas escolares e a disciplina de Ensino Religioso; e, por fim, expectativas de aprendizagem em relação à disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso” e no processo de formação profissional como pedagogo. Chegou-se a um total de 21 entrevistados, sendo que nem todos eles responderam a todas as questões.

Em relação à concepção de religião, as respostas dos entrevistados podem ser identificadas nas seguintes categorias:

- a) religião como caminho e crença: “um caminho para se chegar a Deus”; entendo religião como “um dos caminhos que temos que

ter e seguir em nossa vida”; “seguir uma denominação, acreditar e participar dos princípios propostos”; entendendo religião como “uma crença, um norte para a vida”; “uma fé que todas as pessoas têm que ter, para não desvirtuar para o caminho do mal”; “o caminho da união com o próximo, com a natureza”; “acreditar em algo superior ao ser humano”; “foco principal da vida”; “um caminho que nos ajuda muito”; “uma crença, algo que leva o ser humano a crer na existência de Deus”;

- b) religião como fundamento existencial e das boas ações humanas: “a base de minha vida, sendo que Deus é o centro de tudo, me orientando e sendo minha razão de vida”; “elo do homem com Deus”; “um sentimento bom que as pessoas têm por si próprias e pelas outras, fazer o bem, ajudar, compartilhar, amar as pessoas, isso é religião”;
- c) religião como opção pessoal e uma criação humana: “uma opção e cada um tem que respeitar a crença do próximo”; “uma escolha, uma maneira de se entender sobre Deus”.

Em termos de compreensão do fenômeno religioso, as respostas dos entrevistados podem ser analisadas como:

- a) inexplicável e incomensurável: “surreal, não tem explicação”; “algo inexplicável”; “uma fé que cada pessoa tem e não é possível mensurar o tamanho dessa fé, por isso é preciso crer”;
- b) evidência de uma ou de várias tradições religiosas: “uma movimentação ou manifestação por parte de alguma religião”; “um movimento de pessoas que acreditam e comungam das mesmas ideias e sentimentos”; “várias religiões existentes, algumas tradicionais, outras surgindo agora”.

Quanto ao parecer dos entrevistados sobre as mais diversas disciplinas escolares e a disciplina de Ensino Religioso, os aspectos mencionados convergiram para:

- a) a mesma importância para a formação humana e profissional: “todas as disciplinas são importantes, porém percebo que os

professores na maioria não leva a matéria do Ensino Religioso a sério”; “importantes para a formação integral do ser humano”; “todas têm a mesma importância”; “devem ser vistas com a mesma importância”; “uma disciplina é tão importante quanto qualquer outra”; “todas possuem objetivos que serão úteis em nossas vidas e carreira profissional”; “as disciplinas estão para ajudar os alunos a compreender o sentido da vida e a sua missão no mundo”;

- b) a especificidade e a incumbência do Ensino Religioso em relação às demais disciplinas: “o Ensino Religioso dá mais ênfase às virtudes e aos valores, as outras disciplinas mais ao conteúdo”; “o Ensino Religioso é essencial para que os alunos entendam a individualidade e aceitem um ao outro”; “penso que o objetivo dessa disciplina seja mostrar as diferentes religiões existentes e o pedagogo tem que respeitar todas as religiões”; “entendo que essa disciplina deve respeitar todas as religiões, com o objetivo de despertar nos alunos boas atitudes, respeito e amor ao próximo”; “o Ensino Religioso vem para que, acompanhado de outras disciplinas, possamos entender e respeitar”.

As expectativas de aprendizagem em relação à disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso” e no processo de formação profissional como pedagogo apontaram para os seguintes aspectos:

- a) preocupação com a metodologia e com a diversidade religiosa: “entender como trabalhar esta disciplina, em uma classe com alunos de diversas culturas religiosas”; “a disciplina me ajudará a conhecer outras religiões e, assim, respeitar as pessoas que as praticam”; “espero entender melhor as diversas religiões e ter segurança na hora de ministrar uma aula de religião”; “aprender a trabalhar com os alunos as diversas religiões, sem julgar, sabendo respeitar todas elas”; “aprender como trabalhar as diferentes religiões com os alunos, sem impor a religião a qual eu pertenço”; “identificar o necessário posicionamento docente em sala de aula, capaz de considerar as diversas faixas etárias, sem tender para uma única religião”;
- b) busca pelo conhecimento embasado do universo religioso: “obter um entendimento e um conhecimento fundamentado das diferentes

religiões”; “ajudar o aluno a compreender a importância da matéria para a sua vida, seu futuro estudantil e profissional”; “reavaliar o sentido da religião para o ser humano”.

A partir da coleta e análise dos dados obtidos por meio de entrevista, passou-se à composição dos objetivos, da ementa e do conteúdo programático da assim denominada disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso” no curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. Propôs-se, como objetivo geral, compreender a importância do estudo do fenômeno religioso e das manifestações religiosas no processo de formação e de atuação profissional do pedagogo. Três foram os objetivos específicos também propostos:

- 1) identificar os fundamentos históricos e legislativos do Ensino Religioso no sistema educacional brasileiro;
- 2) analisar o processo de escolarização do Ensino Religioso e seu atual perfil escolar;
- 3) estabelecer relações entre os pressupostos metodológicos, o livro didático e a formação do professor de Ensino Religioso.

Como ementa e conteúdo, elencou-se os seguintes aspectos a serem contemplados durante um semestre letivo, dividido em 72 horas-aula:

- a transcendência como uma busca e um processo de humanização e de divinização do ser humano;
- o fenômeno religioso e as mais diversas manifestações religiosas presentes no mundo;
- o Ensino Religioso como ciência escolar e universitária;
- a distinção do Ensino Religioso em relação à catequese;
- a diversidade cultural religiosa em sala de aula e fora dela. Ensino Religioso sem proselitismo;
- o amparo legal do Ensino Religioso como parte integrante da formação básica do cidadão brasileiro;
- o Ensino Religioso como área de conhecimento;

-
- os pressupostos didático-pedagógicos do Ensino Religioso;
 - a metodologia do Ensino Religioso e livro didático;
 - o Ensino Religioso no projeto pedagógico da escola;
 - o Ensino Religioso e o exercício da cidadania;
 - as culturas e tradições religiosas;
 - os livros didáticos de Ensino Religioso: concepções pedagógicas, linguagens, temáticas e metodologias;
 - Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso e sua relação com a formação do pedagogo;
 - a formação do professor de Ensino Religioso.

A proposição de bibliografia básica e complementar decorreu das especificidades dos objetivos da disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso”, da ementa e do conteúdo programático já mencionados. Vale lembrar que a referida disciplina vem sendo oferecida no sexto período do curso de Pedagogia da FAE e, no ano de 2011, contribuiu com a formação profissional e docente da segunda turma de pedagogos.

Considerações finais

A educação é, ao mesmo tempo, canteiro e floração do legado de cada cultura, ideário religioso ou filosófico a respeito da vida. Em cada área de conhecimento, a vida é estudada, discutida, enunciada e percebida de diferentes modos.

É comum na sociedade atual a tendência de separar a vida em momentos ou em pequenas gavetas: vida profissional, vida familiar, vida escolar, momentos de lazer e momentos para a religiosidade. Em muitas culturas, porém, a vida humana é enxergada como um todo, e, portanto, a religião está presente em todos os momentos, não sendo separada em momentos estanques, distantes do cotidiano humano. Porque a religião afeta e transforma, contribuindo de maneira positiva para a formação humana e também para o projeto de vida de uma pessoa.

A vida humana é um projeto divino a ser construído e realizado com excelência. Depende de cada ser humano escolher a melhor maneira

de levar tal propósito divino a bom termo. Foi o próprio Transcendente quem ao ser humano confiou tal tarefa. É possível que todo aquele que se negar a isso não terá, já durante o percurso da existência, outro sentimento do que o arrependimento e, consequentemente, a vergonha de ter sido negligente na principal obra de sua existência.

Desde a origem do mundo, a humanidade tem procurado saber se há ou não algo para além daquilo que se pode vislumbrar, sentir, auscultar e tocar. Pode estar aí uma das razões que levou a humanidade, no decorrer dos séculos, particularmente no Ocidente, a reunir em torno do conceito *religião* um modo todo próprio de definir uma gama de experiências de transcendência. Uma gama de experiências religiosas que cumpriram a sua função de religar, de unir e de trazer sempre de novo a inspiração divina ao pulsar do coração humano.

À medida que tais experiências foram firmando pactos de amor entre o ser humano e o Transcendente, nasceram as tradições religiosas. E cada uma, a seu modo, passou a oportunizar aos seus membros razões para se evocar a eloquência dos mitos. Razões para a participação nos ritos. Razões para fazer memória das manifestações do Transcendente por meio do uso da força dos símbolos. Razões, enfim, para organizar-se, em comunidades voltadas para a prática da oração, o cultivo da crença e dos costumes que decorrem da fala do Transcendente.

O entendimento do Ensino Religioso como ciência escolar e universitária postula um novo olhar sobre as diversas religiões. Postula um olhar sobre as religiões não mais apenas como opções pessoais ou confessionalidades instituídas, mas, sim, como caminhos de realização e plenitude humana, fontes de inspiração a possibilitar o discernimento de respostas às mais diversas perguntas do ser humano sobre o sentido da vida, do sofrimento etc.

Seria demasiada ingenuidade não perceber que no reverso da palavra *religião* se articula, mais do que o termo profano, uma tendência já de certa forma cristalizada de entender o viver humano destituído de qualquer ressonância religiosa. A sociedade mundial vem sendo constantemente induzida, por meio de várias campanhas de *marketing* ou de estratégias mercantilistas, a uma esfera meramente profana da vida. Indução essa capaz de tornar estéril a riqueza de manifestações religiosas e, consequentemente, a observância de valores éticos. O estudo das

manifestações do fenômeno religioso tem contribuído para o discernimento do sentido sacro da vida e, principalmente, para a superação de lamentáveis atitudes de intolerância. Já seria o suficiente?

A resposta é evidente: não! Sob o ponto de vista da busca da excelência humana e religiosa, o processo de aprendizagem e de transformação humana a partir da percepção da sacralidade da vida apregoada pelas tradições religiosas é praticamente infundável. E, por isso, cada ano letivo traz consigo os seus desafios, mas o objetivo desinstala a todos os apaixonados pela educação para a realização de uma tarefa imprescindível e inadiável: seja em âmbito escolar ou universitário, contribuir com a formação integral do aluno a tal ponto de torná-lo uma pessoa melhor e mais apta a exercer a cidadania em prol do bem comum. A disciplina “Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso”, do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário, além de não se eximir em nada em relação a essa tarefa, tem buscado contribuir para a formação docente dos postulantes do trabalho profissional como pedagogos.

Do ponto de vista do Ensino Religioso, sonho, inspiração, objetivo, metas, espírito criativo, devotamento empreendedor, autoconhecimento, escolhas, comprometimento, paciência, consentimentos e perseverança são alguns dos elementos imprescindíveis à construção de qualquer projeto de vida. Projeto este que não pode ser construído de qualquer jeito, a não ser com excelência e em profunda sintonia com os desígnios do Transcendente. Porque um projeto de vida implica dispor-se a visualizar melhor os caminhos a serem seguidos em vista do alcance de objetivos, da observância dos princípios humanos, familiares e religiosos. Negar-se a tanto é fadar-se mais cedo ou mais tarde ao arrependimento e à vergonha. As prerrogativas do Ensino Religioso como disciplina na educação básica e no ensino superior (curso de Pedagogia) também levam a tais constatações.

Referências

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In: MENEZES, J. G. de C. M. et al. **Estrutura e funcionamento da educação básica**. São Paulo: Pioneira, 2001. Anexo 2, p. 306-328.

BRASIL. Lei n. 9.475, de 22 de julho de 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 22 jul. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm>. Acesso em: 20 maio 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB n. 2, de 7 de abril de 1998**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02_98.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2011.

CHALMERS, A. **O que é ciência, afinal?** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DUTRA, L. H. A. **Introdução à teoria da ciência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. **Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2001.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LEÃO, E. C. O pensamento originário. In: PENSADORES ORIGINÁRIOS: **Anaximandro, Parmênides, Heráclito**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.

MORAIS, J. F. R. **Filosofia da ciência e da tecnologia**: introdução metodológica e crítica. 6. ed. Campinas: Papirus, 1997.

PASSOS, J. D. Ensino Religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas. In: SENA, L. (Org.). **Ensino religioso e formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 21-45.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1975.

POPPER, K. P. **Conjecturas e refutações**: o progresso do conhecimento científico. 2. ed. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Ed. UnB, 1982.

SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

Recebido: 24/11/2011

Received: 11/24/2011

Aprovado: 15/02/2012

Approved: 02/15/2012